
AS FRICATIVAS DA FAMÍLIA TUPI GUARANI – POSSÍVEL CASO DE REARRANJO FONOLÓGICO¹

Ivana Pereira Ivo²
(UNICAMP)

Consuelo de Paiva Godinho Costa³
(UESB)

RESUMO

As análises de Martins (2004)⁴, Guedes (1983) e Dooley (2006)⁵ para o Guarani Mbyá concordam quanto à subjacência do fonema /h/, mas divergem quanto aos segmentos bilabiais e suas variantes: as primeiras autoras assinalam como fonema /w/, enquanto Dooley, considera [B] subjacente. Considerando-se a série das fricativas, além de redução quantitativa, houve, historicamente, mudança qualitativa. Interessamos, pois, investigar possíveis rearranjos do sistema fonológico nesse percurso.

PALAVRAS CHAVE: Guarani Mbyá, Fonologia, Fricativas

INTRODUÇÃO

Pesquisas sobre o tronco linguístico Tupi sugerem a existência, no passado, de uma protolíngua, o proto-tupi-guarani, ascendente comum da família Tupi-Guarani que teria se desdobrado em duas outras

¹ Pesquisa financiada pelo CNPq, vinculada ao grupo de pesquisa INDIOMAS - Conhecimento de línguas indígenas brasileiras na relação Universidade & Sociedade, sob a coordenação de Wilmar da Rocha D'Angelis e Consuelo de Paiva Godinho Costa.

² Mestranda em Linguística.

³ Doutora em Linguística, professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB.

⁴ Dialeto falado nas áreas indígenas de Morro dos Cavalos e Maciambu, Paulo Lopes, SC.

⁵ Dialeto falado em Rio das Cobras – PR com acréscimos do *Nhandeva*, *Avanhee* (guarani paraguaio) e falares regionais do Guarani Mbyá dos litorais paulista e fluminense.

protolínguas, resultando em dois ramos linguísticos: o Proto-Tupi e o Proto-Guarani. (COSTA, 2010, p.100). “Filho primogênito” do Proto-Tupi, a língua conhecida hoje como *Tupi Antigo* era a mais falada na costa brasileira no início do período colonial. Essa língua operava com poucos sons fricativos, o que chamou a atenção dos estudiosos da época: “Nessa lingoa do Brasil não há f.l.s.z.rr dobrado nem muta com líquida, vt cra, pra & c. Em lugar de do s. in principio, ou médio dictionis serue, ç. Com zeura, vt Aço, çatã”. (ANCHIETA, 1951, p. 1)⁶.

Já o Proto-Guarani (antepassado comum de todo o ramo linguístico Guarani atual) tem como representante mais antigo a língua que, similarmente, ficou conhecida como *Guarani Antigo*: este foi o termo usado para designar as variedades da língua faladas nos séculos XVII e XVIII, conforme Rodrigues (1990). Ruiz de Montoya conviveu com os guarani na primeira metade do século XVII, nas reduções jesuíticas da Província do Guairá, atual estado do Paraná e, segundo Edelweiss (1947), suas obras contribuíram para tornar o termo conhecido⁷. Além dele, Pablo Restivo descreveu o guarani falado no século XVIII (quando não havia mais reduções) na região entre os rios Uruguai, Paraná e leste do rio Uruguai. As descrições de Montoya apresentam-nos as seguintes diferenças nas fricativas quando comparadas àquelas do Tupi Antigo: **01.** Algumas realizações de /s/ convertidas em [h] e outras em [ç]. **02.** Manutenção da fricativa bilabial /B/. Segundo Edelweiss: “(...) o grande mestre Montoya repetidas vezes havia chamado a atenção para a tendência de reciprocamente se substituírem o h e o s dentro do próprio guarani: “La h y la ç se Suelen usar uma por la otra” (53)”. (EDELWEISS, 1947, p. 100).

Dados do Guarani-Mbyá contemporâneo, falado em Paraty, RJ, apresentam algumas diferenças: **01.** Algumas realizações de /h/,

⁶ Costa (2010) elucida que quando Anchieta diz não haver “s”, está, na verdade, se referindo ao som [ç] que era o valor fonético da letra “s” no português da sua época.

⁷ Tesoro de la Lengua Guarani (1639), a Arte y vocabulário de la Lengua Guarani e o Catecismo dela Lengua Guarani (1640)

presentes no Guaraní Antigo são apagadas e outras mantidas; **02.** O /ɣ/ do Guaraní Antigo é substituído pelas africadas [tʃ] e [tɣ]; **03.** Algumas realizações de /s/, presentes no Tupi Antigo são produzidas como /g/; **04.** Os fones [β] [v], [w] e [u] variam entre si. Interessa-nos, portanto, saber que processos fonológicos envolveram essas mudanças e que relações e alterações produziram na atual configuração do sistema fonológico Mbyá.

MATERIAL E MÉTODOS

Utilizando o método histórico-comparativo, auxiliado por modelos de análise fonológica atuais, como a fonologia autosegmental, observaremos, inicialmente, algumas descrições clássicas do Tupi Antigo em diferentes épocas, com o propósito de estabelecer correlações preliminares, alistar e postular os fones presentes nessa língua, o que possibilitará avaliar mais acuradamente a direção e os resultados dessas mudanças no seu sistema fonológico. Pretendemos, como segundo passo, comparar o sistema de sons (reconstituídos por esse método) do Tupi Antigo ao do Guaraní Antigo a fim de observarmos as modificações que ocorreram. O terceiro e último passo será apresentar o sistema fonológico do Guaraní Mbyá, como uma atualização dessas modificações fonológicas historicamente instituídas, com suas respectivas variantes fonéticas segundo proposta de três pesquisadores: Guedes (1983), Martins (2004) e Dooley (2006).

Uma vez que descrições de línguas não mais faladas oferecem-nos apenas uma realidade fonética aproximada, faremos uma reconstituição fonética a partir das descrições dos sons. Os critérios considerados para a interpretação e transcrição fonética serão: **01.** Descrição da natureza articulatória do som; **02.** Valor das letras utilizadas na escrita do Tupi nos séculos em análise (já que os estudiosos deixaram dicas valiosas,

neste sentido, ao apontarem as relações entre os sons e as letras usadas para grafá-los, em comparação com línguas cujas descrições já eram conhecidas na época, como o português, o espanhol etc.) e **03.** Correspondência fônica com línguas da família Tupi- Guarani faladas atualmente no Brasil.

Os fones consonantais do Tupi Antigo

ANCHIETA (1595)	FIGUEIRA (1621/1878)	BARBOSA (1956)	RODRIGUES (1956) e (1953)	EDELWEISS (1947)
p t k /	p t k /	p t k /	p t k /	p t k /
mb nd .i'g	mb nd .i'g	mb nd .i'g □	mb nd .i'g	mb nd .i'g
≡ s <	≡ s <	≡ s < h	m n ¼	s < h
j	j	w j	≡ s <	w j
			w j	

Os fones consonantais do Guarani Antigo

RODRIGUES, 1990	
p	t k /
mb	nd .i'g
m	n .i'
	t _i s t _i <
B	□ h

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa proposta de análise fonológica para o rearranjo na série das fricativas do Mbyá

GUEDES (1983)	MARTINS (2004)	DOOLEY (2006)	IVO E COSTA (2012)
/tɬ/	/tɬ/	/B/ [B] /tS/ [tɬ]	/w/ /ts/
/h/	/h/	/h/	/h/
/w/ [ɸ]	/w/ [ɸ]	[w] [tɪs]	
[w]	[w]	[v]	
[uɔ]	[uɔ]		

Ao observarmos os fones do Tupi Antigo temos:

[s] e [ɬ]: Anchieta, ao descrever a fricativa alveolar surda [s], diz: “[...] usa-se um só s com valor de ss, como: a-só (assó) eu vou, s-atã (satã) ele é forte”. (ANCHIETA, 1595, p. 148). Já Figueira faz uso da letra ç para o fonema /s/ e chama atenção à variante [ɬ] que, para ele, deveria ser grafado *ch*, e explica sua produção: “faz a voz, que se sente no verbo Portuguez A chei”. (FIGUEIRA, 1621/1878, p. 3), o que coaduna com a descrição de Barbosa (1956, p. 27): “o s soa como o nosso ç não como z: a-só (pron. açó): eu fui”. O x é como o de ‘xadrez’”. Comparando-se as descrições, verificamos uma possível alternância entre [s] e [ɬ].

[B], [w]: Barbosa utiliza a letra *b* e mostra sua ocorrência na coda silábica, porém, explica que “o b intervocálico é débil, próximo de v. Como no espanhol “caber” (BARBOSA, 1956, p 28), o que nos sugere uma fricativa bilabial [B]. A mesma descrição é feita por Rodrigues (1953) que explica que a letra *b* ocorre como oclusiva no final de palavras e como fricativa bilabial no início e em posição medial das

palavras. Quanto à aproximante, Figueira (1621/1878) ao utilizar a letra *v* em seu alfabeto, o descreve assim: “he liquesente o V.” (FIGUEIRA, 1621/1878, p. 3), o que nos sugere a tentativa de descrição de uma aproximante bilabial [w]. Edelweiss (1947) diz que “ao w corresponde o û”, utilizando um diacrítico para indicar a diferença entre a vogal e a aproximante. Dados como esses sugerem que, já no Tupi Antigo, existissem tanto a fricativa bilabial vozeada quanto a aproximante bilabial.

[h]: Barbosa (1956, p. 27) explica que “O h é aspirado, como em inglês. Só aparece em três ou quatro palavras”. Ele, porém, não indica que palavras seriam essas. Também Edelweiss (1947) fala da fricativa glotal: “h – é claramente aspirado como, no inglês, em horse”. Observando que esses dados dizem respeito à variedade falada no século XX e não constam nas descrições do século XVI, consideramos a possibilidade de que, em algum momento histórico, o Tupi Antigo já tivesse iniciado o processo fonológico de debucalização de /s/, convertendo-se em [h], não sendo esta uma exclusividade do Guarani Antigo, como comumente postulado. Desta forma, confirma-se a existência da fricativa alveolar [s] e da fricativa pós-alveolar [ç] no Tupi Antigo, envolvidas, possivelmente em um processo fonológico de palatalização. Confirma-se, igualmente, a existência da fricativa bilabial [B] e da aproximante bilabial [w], suspeitas de participarem de um processo fonológico de enfraquecimento de [B] para [w], conforme previsto pela literatura.

Os linguistas da escola de Praga já nos ensinaram (embora esta lição seja esquecida por muitos) que a língua é um sistema funcional, composto por elementos interdependentes em oposição, sendo passível de mudanças cujo objetivo é buscar o equilíbrio interno, aliás, como todo sistema o faz. Para Jakobson (1896-1982/2008, p.14), “qualquer mudança deve ser tratada com referência ao sistema no qual ela acontece”. Assim, após observarmos uma mudança fônica, devemos

verificar os resultados desse rearranjo para a totalidade do sistema fonológico: se algum contraste fonológico foi perdido, se foram adquiridas novas distinções e se houve reestruturação na interação entre as oposições, já que as lições de Jakobson lembram-nos que “Cada unidade fonológica no interior de um sistema deve ser examinada tomando em conta as suas relações recíprocas com todas as outras unidades do sistema, antes e depois da mudança fônica considerada”. (JAKOBSON, 1896-1982/2008, p. 14). Os mecanismos criados pelo sistema para continuar funcionando de forma equilibrada, com estabilidade entre os seus elementos são, conforme Jakobson (1931), **defonologização** (a supressão de uma distinção fonológica), **fonologização** (surgimento de uma distinção fonológica) e **refonologização** (reorganização de uma distinção fonológica em outra diferente).

A partir dessas primeiras observações, algumas questões se colocam: quais eram, de fato, os fonemas e as respectivas variantes fonéticas do Tupi Antigo e do Guarani Antigo? Quais eram as oposições em jogo nestes sistemas? Nossa tentativa, aqui, é de apresentar parcialmente as respostas para estas questões.

Para isso, é muito produtiva a consideração de variedades atuais de línguas Tupi, já que representam o desdobramento dos caminhos que percorreram estes sistemas fonológicos. As descrições do Guarani Mbyá divergem sobre a fricativa bilabial [B], ora tratada como fonema e ora como variante. Nossa investigação segue neste sentido.

CONCLUSÕES

Já no Tupi Antigo ocorriam processos fonológicos que transformaram sons fricativos em sons aproximantes. Alguns desses processos são notados igualmente no Guarani Mbyá, que apresenta

mais de um processo fonológico envolvendo as fricativas, transformando-as em segmentos complexos, como africadas, convertendo-as em aproximantes e mesmo, apagando-as, em alguns casos. Consideramos, portanto, a possibilidade de ter havido um rearranjo nas classes de sons do Mbyá em resposta às modificações nas oposições relevantes no sistema, que parece opor sons obstruintes a soantes. A pesquisa avançará baseada nesses resultados parciais.

REFERÊNCIAS

- ANCHIETA, Pe. José de, **Arte de Gramática da lingoa mais usada na costa do Brasil**. Ed. Fac-similar à de 1595. São Paulo: Loyola, 1990.
- BARBOSA, A.L. (1956). **Curso de Tupi Antigo**. Rio de Janeiro: São José.
- COSTA, Consuelo de P. G. **Nhandewa Aywu: Fonologia do Nhandewa-Guarani**. Campinas, SP: Editora Curt Nimuendajú, 2010.
- DOOLEY, Robert A. **Léxico guarani, dialeto mbyá, com informações úteis para o ensino médio, a aprendizagem e a pesquisa lingüística. Introdução: informações gerais, esboço gramatical e referências**. <http://www.sil.org/americas/brasil/PortTcPb.htm#DictGram> (11 March 2006).
- FIGUEIRA, Pe. Luis. **Grammatica da Lingua do Brasil**. Leipzig: B.G.Teubner, 1878 [fac-similiar à edição de 1687], Cópia disponível na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú.
- FONTAINE, Jacqueline (1978). **O Círculo Linguístico de Praga**. Trad. João P. Mendes. São Paulo: Cultrix; Editora da USP.
- GUEDES, Marimarcia. **Subsídios para uma Análise Fonológica do Mbyá**. Editora da Unicamp. Campinas, SP (1983). Dissertação de Mestrado.

-
- JAKOBSON, Roman, 1896-1982. **Princípios de fonologia histórica**. Tradução de Wilmar R. D'Angelis. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008.
- MARTINS, Marcia Fileti. **Descrição e análise de aspectos da gramática do Guarani Mbyá**. Campinas, SP:[s.n.], 2004. Tese de Doutorado.
- MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Tesoro de La Lengua Guarani**. Assunción de Paraguay: CEPAG, 2011[1639].
- _____. **Vocabulario de La Lengua Guarani**. Assunción de Paraguay: CEPAG, 2002[1640].
- RODRIGUES, Aryon D. **Phonologie der Tupinambá-Sprache**. Hamburgo, 1958. (tese de doutorado).
- _____, Aryon Dall'Igna. **Morfologia do verbo Tupi**. *Letras*, 1953. 1.121-152. http://biblio.etnolinguistica.org/rodrigues_1953_morfologia
- RODRIGUES, Daniele Marcelle Grannier. **Fonologia do Guarani Antigo**. Campinas. Editora da UNICAMP, 1990.